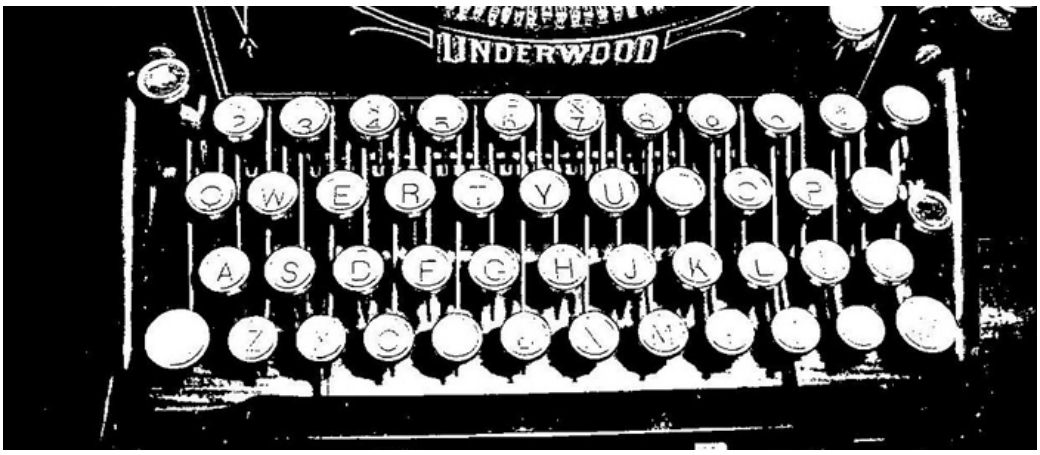
Things (and People) Are The Tools Of Revolution!

André Lemos, *professor da Faculdade de Comunicação da UFBa, coordenador do Grupo de Pesquisa em Cibercidade (GPC), pesquisador do CNPq e consultor da Fapesp, CNPq e CAPES*



Data da publicação:

Abril de 2011

Muitos artigos têm discutido o papel das mídias sociais e telefones celulares nos atuais acontecimentos no norte de África e Oriente Médio. Tunísia, Egito, Barein, Líbia, Iêmen, Marrocos… Uma verdadeira avalanche revolucionária atinge países dominados por ditaduras ancestrais e/ou por fundamentalismos religiosos. O que estamos assistindo é uma revolução de jovens que pedem a saída de regimes autoritários em nome da liberdade e da melhoria das condições de vida, sem slogan anti-imperialista ou bandeiras religiosas. A formação de um novo Mundo Árabe, sem ditaduras militares apoiadas pelo Ocidente ou teocracias fundamentalistas (embora ainda seja cedo para saber o que vai acontecer) são, junto com os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os maiores eventos do ainda debutante século XXI.

As “redes sociais”, principalmente blogs, Twitter e Facebook, e os celulares, com fotos, vídeos e SMS, têm sido atores fundamentais nesses levantes. Vejam esse interessante mapa[1] mostrando a penetração de telefones celulares, internet e Facebook nos países do Norte da África e Oriente Médio. Há debate sobre se essas novas ferramentas produziram ou não a revolução, o que alguns estão chamando de “Revolução 2.0”. A questão que tem sido colocada, a saber se as redes sociais e celulares são apenas ferramentas, instrumentos, meios ou atores, aponta para uma má compreensão do papel dos objetos na vida social. É comum afirmações de que objetos são “apenas” ferramentas. É essa a sua essência, seu modo de existência.

Para compreender o papel do Twitter, do Facebook, dos celulares e blogs nos atuais levantes nos países árabes, e para afirmar no final que eles são agentes que produziram as atuais revoluções, vou sustentar aqui (um work in progress como um exercício baseado na metafísica de Bruno Latour e sua Teoria Ator-Rede – Actor-Network Theory – ANT) que:

1. Não há essência ou imanência;

2. Toda agência depende da associação em causa e;

3. Agentes não-humanos não são entidades passivas.

Um martelo, um computador, leis e normas, um telefone celular, um blog, o Twitter ou o Facebook não são ferramentas, meios, intermediários, por um lado, ou agentes, mediadores, tradutores, atores, por outro. A ANT sustenta que não há essência, e que os "objetos" citados podem exercer um ou outro papel a depender das associações criadas. Para evitar pensar os agentes apenas como humanos, a ANT prefere o termo "actante" que, vindo da semiótica *greimasiana*, remete a tudo aquilo que gera ação.

Portanto, não há essência, e actantes humanos e não-humanos assumem determinados papéis a depender das associações que se constituem em determinada ação. Se não há ação, não há nada e eles não são "actantes". Por exemplo, cartas e bilhetes foram actantes não-humanos importantes em eventos e guerras passadas (na Grécia, na Primeira Guerra Mundial, nas revoluções políticas do século XX, etc.). O mesmo podemos dizer do rádio e da TV. Em alguns momentos são meros intermediários (não modificam outros agentes e não produzem diferenças), em outros, são actantes, agentes produzindo diferenças, ações (pode ser um martelo, um computador, um artigo científico, uma lei…).

No caso em questão, podemos dizer que blogs, Facebook, Twitter, celulares…, agiram como mediadores e foram tradutores de ações de/para outros actantes que ganharam várias dimensões (as ruas, as emissões televisivas, os artigos etc.) e fizeram com que as ditaduras da Tunísia e do Egito caíssem. Eles podem não ter função mediadora no futuro, já que não há essência ou potência velada, só associações que se fazem ou não no tempo. Como diz Latour: "essência é existência e existência é a ação". No fundo, a discussão sobre se as mídias sociais e telefones celulares fizeram a revolução se perde na polarização entre sujeitos (que têm uma essência – ser o mediador e senhor da agência) e os objetos (que têm uma essência – serem apenas intermediários, "ferramentas", "instrumentos", "meios"). No caso das revoluções atuais, vários textos (ver mais adiante) consideram que as ferramentas digitais foram o que são: apenas ferramentas, meros intermediários, "meios" de comunicação.

É comum pensar que uma revolução que se preze só pode acontecer, e ser assim nomeada, se for feita por "sujeitos" livres, independentes dos objetos (que não podem ter papel ativo na ação). Pessoas são independentes das ferramentas. Objetos são, no máximo, instrumentos, epifenômenos dos eventos. Levantes "legítimos" são feitos por "sujeitos" livres, por subjetividades que compõem essa nova "multidão" emancipadora. O sujeito não se mistura ao objeto e, para ser sujeito, deve mesmo ser o mais "independente possível" dos objetos, deve se livrar das amarras para achar o seu "núcleo" velado no interior. Esse é o ponto crucial do equívoco: a dicotomia que separa sujeito e objeto (como se isso fosse possível!). No entanto, **se retiramos os objetos, não encontraremos mais sujeitos!**

Vejam alguns exemplos desse debate no artigo de Manuel Castells;[2] em matéria no Le Monde[3] sobre juventude pós-islamistas, e também aqui perguntando se "Les Révolution Arabes sont-elles des 'révolutions 2.0'?[4]"; no texto de Charles Hirschkind[5] sobre a importância do Facebook e do Twitter no Egito; no artigo de Devin Coldewey[6] afirmando que "pessoas, e não coisas, são as ferramentas da revolução" (o título é bem interessante, daí a brincadeira com o título desse post); na discussão motivada pelo texto "A revolução não será tuitada", de Malcolm Gladwell[7]; e em diversas contribuições na lista "air-l@listserver.aoir.org" da Association of Internet Researchers.[8]

As mídias sociais fizeram sim a revolução, mas em uma rede de atores. Não foi uma revolução das empresas Facebook ou Twitter. Essas "redes sociais" foram agentes produtores de mediações na alavancagem dos acontecimentos nos países árabes. Nesse sentido, Facebook, Twitter, blogs, telefones celulares, entre outros actantes não-humanos, fizeram as revoluções ao entrarem em associação com outros "actantes" (pessoas, discursos, dados sociais – desemprego e baixos salários, informações sobre corrupção e violência policial, mídia internacional, panfletos, pedras etc.). É difícil achar uma agência puramente humana nesses fenômenos de associações, traduções e mediações. **É difícil achar ação puramente humana, tout court!** Nas revoluções que reconfiguram agora o Mundo Árabe, podemos dizer que atores humanos e não-humanos entram em mediações e traduções que as produziram. Sustentar o contrário é, em primeiro lugar, negar os fatos e, em segundo, se apegar a uma separação essencial entre sujeito e objeto, natureza e cultura que apaga os actantes não-humanos. Como Latour, reivindica-se aqui uma "filosofia orientada ao objeto", uma "metafísica empírica". Descreva essa revolução (ou qualquer outra associação) até o seu esgotamento e verás todos os actantes que a produzem!

Para os que compreendem o mundo a partir da grande Bifurcação (segundo termo de Whitehead), uma "legítima",

"essencial" e "imanente" revolução só pode ser feita por sujeitos "puros", desamarrados de quaisquer relações com "atores não-humanos" (que só viriam a contaminar a sua essência – muitos artigos denunciam essa mácula). Essas revoluções são "Sociais", com S maiúsculo, como aquilo que é produzido por sujeitos humanos. A ANT se opõe a essa visão do Social. Para muitos analistas, as atuais revoluções estariam latentes, aguardando sua atualização como um devir, uma resolução de poderes, uma imanência da multidão, em potência. Essa "Sociologia do Social", como afirma Latour, esconde os actantes sob o manto das grandes narrativas (Poder, Império, Multidão, Estrutura) e não nos permite ver a "sociologia das associações" (entre humano e não-humanos) que revelam verdadeiramente o "social". Como afirma Latour, **o social não é a explicação das associações, como aprendemos na escola. Ele é o resultado dessas associações.** E podemos facilmente retraçar as associações: vejam os artigos citados, os logs dos SMS, os posts nos blogs, Facebook e Twitter etc., para uma cartografia dessa "controvérsia".[9]

Ora, uma revolução sem actantes não-humanos não aconteceu no Norte da África, não acontece agora no Oriente Médio e talvez não seja exagero afirmar que nunca tenha acontecido na história da humanidade. Toda luta política, todo levante, toda ação que possa ser chamada de social (criada por associações entre actantes que traduzem e mediam uns aos outros) só acontecem pelas conflituosas, difíceis e tensas relações entre humanos e não-humanos. Cabe analisar em que momento, a partir dos rastros das ações, determinados actantes não-humanos serviram como mediadores, como tradutores, e em que momentos eles se calaram (não produzindo ações). Como vimos acima, a essência não existe e a agência se dá (ou não) na associação. Como pensar que guerras e levantes seriam realizados sem discursos das mais diversas ordens, sem imagens (fotografia, cinema, TV), sem armas, sem propaganda, sem panfletos, sem imprensa, sem telefone, sem rádio… **Onde encontraremos um sujeito desprovido de seu hibridismo com o objeto?**

Sim, ferramentas podem ser "apenas" intermediários quando não produzem diferenças, quando não traduzem outros agentes, ou seja, quando não produzem ação! Mas não a priori. Nas revoluções que aconteceram no Egito e Tunísia (veremos o que acontecerá nas outras), os rastros deixados confirmam que celulares, mídias e redes sociais (assim como o telefone fixo, satélites, TV, megafones, apitos, armas improvisadas, pedras etc.) agiram como mediadores e tradutores de outros agentes (humanos e não-humanos) e fizeram sim, as revoluções. E parece que estão fazendo também as que estão em curso na Líbia, Barein, Iêmem…

Vejam como, erroneamente, Dan Patterson da ABC News afirma que "Twitter is a tool, the web is a medium, and journalism is an action" (via @liaseixas). Essa frase é exemplar do que queremos mostrar nesse post. Para Patterson, o jornalismo é ação (não seria ele ação de relatar acontecimentos?) onde agentes humanos (mas e as máquinas, as instituições, as redes de distribuição etc?) têm o controle da agência. Já os não humanos, Twitter e Web são ferramenta e meio, mídia, respectivamente (vejam como a ANT pode nos ajudar nos estudos das mídias, embora seja pouco conhecida na área de comunicação no Brasil!). Mais uma vez, credita-se uma suposta essência. Mas o Twitter usado pelo jornalismo na Web seria o quê? E a Web? Ferramenta, ação ou mídia?

Aqui está de novo a grande Bifurcação. Aqui começa a confusão. Como dissemos, tudo depende da associação. Ferramentas podem ser intermediários, quando não produzem ação, ou "actantes", quando, em conjunção com outros, realizam eventos. Pensar como Patterson significa eleger a separação entre atores humanos e não-humanos dando privilégio a um dos pólos, no caso o "Jornalismo" (bom, ele é jornalista!). O jornalismo efetivamente produz ação, ele está certo, mas não É ação. No entanto, como explicar essa ação? Como esse "sujeito" jornalismo a produz? Não seria a ação do "jornalismo" fruto de um conjunto de associações entre actantes humanos e não-humanos, sem que haja a priori um que seja o sujeito da "ação", outro a "ferramenta" e um outro o "meio"? Como agiria o "jornalismo" sem os editores, os repórteres, as agências de notícias, as indústrias culturais, os professores e escolas de comunicação, as empresas publicitárias, os distribuidores, o jornaleiro, o papel jornal, a banca de jornal, os computadores, os telefones, o celular, o fax e… a internet e suas expressões como o Twitter e a Web? Não caberia investigar caso a caso? Como pode um jornalista pensar e agir sem outros jornais, jornalistas, empresas, indústrias, publicidade, computadores, telefones, satélites etc.? Quem faz a ação é um sujeito não-híbrido livre de relações não instrumentais? Podemos separar de um lado "o jornalismo" e do outro as "ferramentas e meios"?

Para Patterson, o jornalismo é um "sujeito", uma "estrutura" que cala os actantes não-humano. Ele só vê essências: jornalismo – ação, Twitter – ferramenta, Web – meio. Dito dessa forma, jornalismo é apenas um nome que apaga os demais actantes em uma grande Narrativa. Dizer "jornalismo" é o mesmo que não dizer nada. Não descreve o que ele é nem esclarece sobre sua prática. Apenas qualifica: Ação! É como dizer Poder, Império, Multidão sem se ater às descrições. Retire do "jornalismo" a internet, as empresas jornalísticas, as universidades e professores de jornalismo, os jornaleiros, os distribuidores, os computadores, os celulares, os órgãos

reguladores, o papel jornal, a web…e veja se você ainda vê algum "sujeito" livre de amarras!

Falamos aqui do jornalismo, mas podemos dizer o mesmo da nossa atividade acadêmica: como produzir um texto acadêmico sem a universidade, a sala de aula, os alunos e os grupos de pesquisa, o computador, a internet, o financiamento à pesquisa, as revistas acadêmicas, os livros, os pares avaliadores etc.? Como diz Bruno Latour, "um Boeing não voa. O que voa são companhias aéreas". Podemos dizer o mesmo do jornalista ou de nós pesquisadores. Quem faz pesquisa e produz textos não é o gênio solitário, um sujeito (humano) puro, em sua essência genial, mas uma instituição que associa diversos actantes (humanos e não-humanos) – a Universidade! A genialidade de um pesquisador, ou jornalista, ou artista, ou médico, vem da forma como ele entra em associação com outros actantes humanos e não-humanos. **A genialidade e originalidade de uma ação não vêm da independência de outros actantes, mas justamente do contrário: das boas associações estabelecidas.**

Da mesmo forma, se as mídias sociais foram apenas "ferramentas", tente então retirar dos fatos (rastros) produzidos nos eventos revolucionários árabes esses mesmos artefatos (Twitter, Facebook, celulares…) e veja se você ainda consegue ver o fenômeno. Retire as "ferramentas" das matérias escritas, dos programas de TV, das informações na internet, das discussões no rádio, apague os logs de SMS, os post nos diversos blogs, as páginas do Facebook, os relatos e informações no Twitter, os vídeos e fotos dos celulares… e veja se você ainda consegue ver as revoluções realizadas no Egito e na Tunísia.

Não preciso insistir, mas é bom lembrar, que isso não quer dizer que os agentes não-humanos agem sozinhos. Acho que essa questão nem mesmo deveria ser colocada, se me fiz compreender nos parágrafos anteriores. Mas é bom repetir:

Não é uma revolução do Twitter, não é uma revolução do Facebook. Não é uma revolução sem Twitter, não é uma revolução sem Facebook. É uma revolução na qual as mídias e redes sociais se constituíram como actantes importantes para a associação que a realizou.

Como vimos, a ação se dá pela associações de diversos mediadores (que não são em essência mediadores, mas que agem em determinado momento como tais) e não a partir de um sujeito ou de um objeto que teriam o monopólio da agência ou uma essência. Deve-se, então, abolir essa falsa separação para que possamos pensar os eventos em sua complexidade, para além da polarização "physis" – "techné", "sujeito" – "objeto", "natureza" – "cultura". Os eventos atuais nos países árabes podem nos ajudar a reconhecer uma "política da composição" para avançar na constituição de uma filosofia dos objetos e de uma sociologia das associações que não coloquem apenas no sujeito humano a primazia da ação. Vejam o que afirma Latour sobre essa política no seu recente Manifesto Composicionista:[10]

"Nature is not a thing, a domain, a realm, an ontological territory. It is (or rather, it was during the short modern parenthesis) a way of organizing the division (what Alfred North Whitehead has called the Bifurcation) between appearances and reality, subjectivity and objectivity, history and immutability. (…) But no doubt that it is a fabulously useful ploy, invented in the seventeenth century, to establish a political epistemology and to decide who will be allowed to talk about what, and which types of beings will remain silent. This was the time of the great political, religious, legal, and epistemological invention of matters of fact, embedded in a res extensa devoid of any meaning, except that of being the ultimate reality, made of fully silent entities that were yet able, through the mysterious intervention of Science (capital S) to "speak by themselves" (but without the mediation of science, small s, and scientists — also small s!).

(…) This is why rationalists never detect the contradiction between what they say about the continuity of causes and consequences and what they witness — namely the discontinuity, invention, supplementarity, creativity ("creativity is the ultimate" as Whitehead said) between associations of mediators. They simply transform this discrepancy (which would make their worldview untenable) into a radical divide between human subjects and nonhuman objects. (…) Compositionists, however, cannot rely on such a solution. The continuity of all agents in space and time is not given to them as it was to naturalists: they have to compose it, slowly and progressively. And, moreover, to compose it from discontinuous pieces. Not only because human destiny (microcosm) and nonhuman destiny (macrocosm) are now entangled for everyone to see (contrary to the strange dream of Bifurcation), but for a much deeper reason on which the capture of the creativity of all agencies depends: consequences overwhelm their causes, and this overflow has to be respected everywhere, in every domain, in every discipline, and for every type of entity. It is no longer possible to build the cage of nature — and indeed it has never been possible to live in this cage. This is, after all, what is meant by the eikos of ecology."

Para finalizar, acabo de ver a matéria do NYT com o sugestivo título, *"Cellphones Become the World's Eyes and Ears on Protests"*, onde podemos ler:

"For some of the protesters facing Bahrain's heavily armed security forces in and around Pearl Square in Manama, the most powerful weapon against shotguns and tear gas has been the tiny camera inside their cellphones." "(…) A novelty less than a decade ago, the cellphone camera has become a vital tool to document the government response to the unrest that has spread through the Middle East and North Africa. (..) Recognizing the power of such documentation, human rights groups have published guides and provided training on how to use cellphone cameras effectively."

PARA MAIOR APROFUNDAMENTO

• LATOUR, B. Reassambling the social. An Introduction to Actor-Network Theory., Oxford, Oxford University Press, 2005.

• Latour, B., An attempt at writing a "Compositionist Manifesto"., in http://www.bruno-latour.fr/articles/article/120-COMPOMANIFESTO.pdf

• LATOUR, B., Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: ed. 34., 1994.

• HARMAN, G., The Prince of Networks. Bruno Latour and Metaphysics. 2009.

• WHITEHEAD, A., Process and Reality., NY, Free Press, 1978.

* *Este artigo foi publicado no Carnet de Notes, blog do André Lemos* - http://andrelemos.info

---
1. Ver em http://edition.cnn.com/interactive/2011/02/tech/map.mideast.tech/index.html

2. Em http://www.lavanguardia.es/opinion/articulos/20110219/54117604837/anatom...

3. Em http://www.lemonde.fr/idees/article/2011/02/12/revolution-post-islamiste...

4. Em http://www.lemonde.fr/afrique/article/2011/02/21/les-revoltes-arabes-son... 5. Em http://blog.p2pfoundation.net/p2p-aspects-of-the-arab-uprising-3-the-rea...(P2P+Foundation)&utm_content=Twitter

6. Em http://techcrunch.com/2011/02/11/tools-of-revolution/

7. Em http://www.newyorker.com/reporting/2010/10/04/101004fa_fact_gladwell

8. Ver http://www.aoir.org/

9. Ver http://mappingcontroversies.net/

10. Em http://www.bruno-latour.fr/articles/article/120-COMPO-MANIFESTO.pdf

Categoria:

- poliTICs 9